19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA: (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

(X) COMUNICAÇÃO

( ) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

( ) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

A CRIAÇÃO DE UM SETOR DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO COLETIVO DE ESTUDOS E AÇÕES INDÍGENAS (CEAI)

Mariana Fraga da Fonseca[1]

Letícia Fraga[2]

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo descrever o processo de criação de um setor comunicação completo e autossuficiente dentro do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI). À medida que o CEAI crescia, também crescia a necessidade de organizar e profissionalizar o relacionamento do grupo com veículos de comunicação; divulgar das nossas ações e trabalhos; organizar as diversas redes sociais administradas pelo coletivo e produzir materiais midiáticos, como reportagens jornalísticas, produções de áudio e vídeo etc. Definida a nova organização, passamos a publicar periodicamente em nossas principais redes sociais, além de elaborar materiais em áudio, textos jornalísticos e envio de materiais de assessoria para outros veículos de imprensa. Este trabalho possibilitou expandir a agenda de demandas do coletivo, registrando por meio das produções jornalísticas e de assessoria, que colaboram para a elaboração de um arquivo interno que resguarda a história e as ações do próprio CEAI e, simultaneamente, se torna material informativo que pode ser acessado pelo público indígena e não indígena que se interessa pelas pautas que o coletivo cobre com relação à questão indígena no Brasil.

Palavras-chave: Coletivo indígena. Comunicação indígena. Jornalismo indígena.

[1]Membro de execução de projeto de extensão; Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; marianaffonseca@gmail.com.

[2] Coordenadora de projeto de extensão; UEPG; DEEL; leticiafraga@gmai.com.

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PROJETOS VINCULADOS

Vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto (LET)

PÚBLICO-ALVO

Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas indígenas e não indígenas participantes e público em geral.

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

LOCAL DE EXECUÇÃO

Município de Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação,

razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

- Criar um setor de comunicação para o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) que suprisse as necessidades produtivas do grupo.
- Construir um setor comunicativo autossuficiente dentro do CEAI que supra as demandas de seus indivíduos;
- Produzir materiais midiáticos em diversos formatos e para diferentes plataformas;

- Contribuir para a desconstrução dos estereótipos indígenas e do discurso anti-indígena disseminados pela mídia hegemônica.

METODOLOGIA

Percebemos a necessidade da criação de um setor de comunicação completo dentro do Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) a partir do momento que as tarefas relacionadas a esta área começaram a se acumular de forma desordenada. À medida que o CEAI crescia, também crescia a necessidade de organizar e profissionalizar o relacionamento do grupo com veículos de comunicação, divulgar nossas ações e trabalhos, organizar as diversas redes sociais administradas pelo coletivo e produção de materiais midiáticos como reportagens jornalísticas, produções de áudio e vídeo etc.

O processo de formulação desse setor se deu a partir de reuniões com membros do coletivo que dispuseram em debate as necessidades mais urgentes que conseguiam identificar, dentre elas a designação de funções específicas para cada indivíduo e necessidade de recrutar mais mão de obra especializada para realizar o trabalho. Nesse período, além de reuniões de alinhamento, abrimos um processo seletivo para encontrar possíveis novos colaboradores da área de jornalismo, pré-requisito determinado para que os novos participantes pudessem contribuir para a sistematização dos novos materiais e estruturas do CEAI.

O processo seletivo se deu através de um questionário via *Google Forms*, elaborado com o intuito de conhecer os candidatos, seus portfólios e contextos profissionais. Abrimos quatro vagas para estudantes de jornalismo, duas como voluntários e duas como bolsistas. No formulário solicitamos que respondessem a algumas perguntas sobre seu interesse pelo coletivo e as questões indígenas. Após primeiro contato via formulário, agendamos entrevistas *online* via *Google Meet* nas quais pudemos conhecer um pouco melhor os candidatos e candidatas.

Após este processo, dois novos participantes passaram a integrar a equipe de comunicação do CEAI, agora composta por seis pessoas. O setor de comunicação do coletivo foi dividido em duas partes distintas, que passaram a trabalhar de maneira articulada, porém

independente: produções jornalísticas e redes sociais. Este momento inaugura a nova fase de produção comunicacional do grupo.

RESULTADOS

É possível observar como a criação de um setor voltado exclusivamente para a comunicação do coletivo transformou as perspectivas do grupo e ampliou o alcance das ações elaboradas. Através da nova organização passamos a publicar periodicamente em nossas principais redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *Twitter*, além de elaborar materiais em áudio arquivados na plataforma *Soundcloud*, textos jornalísticos publicados no *site Medium* e envio de materiais de assessoria para outros veículos de imprensa. Além destas funções primordiais, passam a fazer parte das principais funções do setor de comunicação do CEAI a elaboração de banners, cartazes e outros materiais visuais para divulgação de eventos como palestras e debates, bem como a transmissão dessas ações de forma online.

Além da conquista de uma periodicidade e capacidade produtiva maior através da expansão da equipe de comunicação e reorganização do sistema de trabalho, este setor do coletivo passou a elaborar materiais em diversos formatos, para distintas plataformas, tanto em língua portuguesa, como em língua Kaingang e língua Guarani. A reformulação levou em consideração a necessidade de acessibilidade para o público indígena e não indígena por meio da utilização de recursos descritivos e imagéticos, destacando a diversidade de consumidores do conteúdo que acessam as plataformas administradas pelo CEAI.

A equipe é composta por Ana Paula Almeida, aluna do 3º ano do curso de Bacharelado em Jornalismo da UEPG e Rachel Libois, mestranda em Direito Socioambiental pela PUC-PR, responsáveis pela administração das redes sociais, e João Gabriel Vieira, 3º ano de Bacharelado em Jornalismo UEPG, Levi de Brito e Teodoro dos Anjos, ambos do 4º ano de Bacharelado em Jornalismo da UEPG, principais responsáveis pela produção de matérias jornalísticas em formato de texto, áudio e audiovisual. A jornalista responsável e editora chefe é Mariana Fraga da Fonseca, mestre em Jornalismo pela UEPG e uma das fundadoras do CEAI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É unânime entre os membros do coletivo os aspectos positivos que a criação de um setor responsável exclusivamente por todos os aspectos da comunicação do CEAI trouxe para o crescimento do grupo. Através deste trabalho feito de forma especializada foi possível expandir a agenda de demandas do coletivo, atendendo a mais sugestões e ideias trazidas tanto pelos próprios membros do grupo como por parcerias externas.

Criou-se um constante trabalho de registro através das produções jornalísticas e de assessoria, que colaboram para a elaboração de um arquivo interno que resguarda a história e as ações do próprio CEAI e, simultaneamente, se torna material informativo que pode ser acessado pelo público indígena e não indígena sobre todas as pautas que o coletivo cobre com relação à questão indígena no Brasil.

O próximo passo que a equipe espera alcançar é o desenvolvimento de um site completo para o CEAI, no qual será possível concentrar todas as produções da área de comunicação, fortalecendo o alcance do coletivo, sua relação com o público consumidor de conteúdo, processo que colabora para o crescimento do grupo enquanto uma referência de trabalho coletivo e democrático em defesa dos direitos indígenas no país.

REFERÊNCIAS

BENITES, T.A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities.DELTA, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.